

PLANEJAMENTO URBANO E INFRAESTRUTURA ESCOLAR DIANTE DA PROBLEMÁTICA DA INCLUSÃO

Davis Ellisson Peixoto Costa¹
Lívia Damasceno Silva²
Angélica da Silva Rodrigues³
Alexsandra Maria Vieira Muniz⁴

RESUMO

Esse artigo apresenta a pesquisa-ação e intervenção realizada pelos alunos de Oficina Geográfica III do curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará na Escola Municipal T. F. P, localizada no Município de Fortaleza. A primeira etapa se deu na observação da infraestrutura e do apoio que essa instituição de ensino pode oferecer para alunos com necessidades especiais, sejam elas físicas ou mentais. A segunda etapa consistiu em entrevistas com a Psicopedagoga e um dos professores de Geografia da escola, acerca da temática da educação inclusiva. A terceira etapa foi uma intervenção no nono ano B do ensino fundamental, com duração de 100 minutos, trazendo uma primeira abordagem teórica sobre planejamento urbano para pessoas com deficiência e uma segunda abordagem com a parte prática, consistindo em uma oficina de cartazes. Nesta atividade, os alunos receberam imagens de problemas oriundos da falta de planejamento urbano no bairro, momento em que associaram quais as consequências desta problemática, notadamente para o público com necessidades especiais. O nono (9º) ano B conta com duas alunas tidas como autistas pelo cadastro da escola, mas que durante a intervenção na escola constatamos que possuem na verdade Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Por fim, elucidou-se o resultado que o suporte psicológico da escola oferece e como a estrutura dessa instituição de ensino reverbera nos alunos.

Palavras-chave: Inclusão, Ensino Fundamental, Infraestrutura Escolar, Planejamento Urbano.

INTRODUÇÃO

A inclusão de qualquer aluno no contexto escolar já é, por si só, um processo que envolve cuidados especiais. A adaptação ao novo ambiente pode ocorrer de maneira distinta para cada aluno, e há singularidades em cada um dos discentes, fato que inibe uma fórmula única de ensino/aprendizagem que contemple a todos da melhor maneira. A fim de que o conteúdo seja repassado de maneira mais eficiente, espera-se uma formação contínua do professor, para que ele saiba lidar com a diversidade em sala de aula e saiba conduzir o

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - CE, davisellisson@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - CE, liviaslim@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - CE, rodrigues.angelicasilva@gmail.com;

⁴ Prof.^a Dra. Do Departamento de Geografia e Coordenadora do PIBID da Universidade Federal do Ceará - CE, geoalexandraufc@gmail.com.

conteúdo ministrado de modo claro, não esquecendo as especificidades dos educandos. Da escola, o que se espera é uma boa estrutura, capaz de acolher o aluno da melhor forma possível, em todos os âmbitos. Diante disso, o processo de inclusão é essencial não somente para a construção formal do sujeito, mas para sua construção social, como destaca Farfus:

A articulação entre os educadores é urgente, pois existe a necessidade de uma redefinição do papel do professor e de sua forma de atuar, no pensamento sistêmico. É necessário pensar na aprendizagem como um processo cooperativo e de transformação que proporcione a formação de alunos inseridos no mundo, e não mais em apenas uma comunidade local. Finalmente pensar na educação em relação aos aspectos da ética, da estética e da política; a educação fundamentada em um ideal democrático. (FARFUS, 2008, p. 30)

A busca de um maior entendimento sobre a educação inclusiva em uma escola de bairro considerado periférico justifica o desenvolvimento da pesquisa-ação realizada durante a disciplina de Oficina Geográfica III, da universidade Federal do Ceará, na Escola Municipal T. F. P, no bairro Lagoa Redonda, localizado no Município de Fortaleza. Busca-se entender, dentro outros pontos, como a precarização estrutural desse bairro e instituição de ensino afetam o deslocamento dos estudantes com algum tipo de deficiência física, a partir da observação e relato dos próprios estudantes, e qual o suporte que a escola oferece para alunos com alguma deficiência mental. Segundo A Secretaria de Educação Especial do MEC (SEESP), a Educação Especial é entendida como sendo:

[...] um processo que visa a promover o desenvolvimento das potencialidades de pessoas portadoras de deficiências, condutas típicas ou altas habilidades, e que abrange os diferentes níveis e graus do sistema de ensino. Fundamenta-se em referenciais teóricos e práticos compatíveis com as necessidades específicas de seu alunado. O processo deve ser integral, fluindo desde a estimulação essencial até os graus superiores de ensino. Sob esse enfoque sistêmico, a educação especial integra o sistema educacional vigente, identificando-se com sua finalidade, que é a de formar cidadãos conscientes e participativos (BRASIL, MEC/SEESP, 1994, p.17).

Como veremos adiante, durante o desenvolvimento da pesquisa houve intervenção na aula de Geografia do nono (9º) ano B, uma vez que a ideia era não reter essa pesquisa somente ao campo universitário, mas fazer com que os próprios alunos da escola pudessem refletir sobre o tema. Ademais, buscou-se responder algumas questões ao longo da pesquisa, como: a escola tem capacidade de promover a inclusão dos alunos? De que modo o planejamento do próprio bairro e da escola influenciam no processo de inclusão? Como os alunos avaliam o próprio bairro nesse processo?

Desta forma, a pesquisa se dá em como a escola acolhe os alunos que necessitam de uma maior inclusão, seja com suporte de recursos humanos capacitados para atender um corpo discente diverso, seja com disponibilidade de materiais didáticos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa envolveu pesquisa bibliográfica, trabalho de campo, com aplicação de entrevista e observação do espaço escolar da educação básica, coleta de dados com diário de campo, registro fotográfico com uso de câmara e intervenção na aula de geografia com ministração de conteúdo e oficina de cartazes. A bibliografia oriunda da disciplina, que trata do ensino inclusivo, serviu como referência para a atuação dos discentes do curso de Geografia. Ademais, a palestra com esse mesmo tema mediada pela profa. de oficina III e ministrada pela diretora do ‘‘UFC inclui’’, que é uma secretaria de acessibilidade da Universidade Federal do Ceará, além da visita ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) para a consulta de materiais didáticos, foram essenciais para um amadurecimento de ideias que visavam a atuação prática dos alunos na intervenção.

Desta forma, como foi supracitado, recolheram-se dados sobre o colégio T. F. P e foi observada a estrutura interna deste, a fim de entender qual a abordagem que essa unidade de ensino tem em relação aos alunos com alguma deficiência física ou mental.

Para se ter compreensão como o corpo escolar pensava e promovia a inclusão foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas ao longo do trabalho. O primeiro entrevistado foi o professor de geografia que atua no ensino básico do colégio. Ele foi questionado acerca de sua formação, se ela o prepara de modo adequado para conseguir desenvolver metodologias de ensino diferenciadas direcionadas a um público diverso, ou até mesmo se ele consegue incluir de modo eficaz os alunos deficientes ou com dificuldade de aprendizagem.

A segunda entrevistada foi a psicopedagoga do colégio. As abordagens durante os questionamentos direcionadas a ela foram sobre o retorno da demanda dos alunos ou dos pais dos alunos que apresentam deficiência física ou mental.

A intervenção na aula de Geografia da Educação Básica ocorreu com a presença de três licenciandos em Geografia orientados pela profa. da disciplina que encaminhou todo material (roteiro do plano da aula a ser ministrado, roteiro do diagnóstico da escola, roteiro das entrevistas e do relatório da pesquisa-ação com disponibilidade e discussão do material da fundamentação teórico metodológica) a ser utilizado na pesquisa, além de serem necessários materiais como: cartolinas, imagens impressas das problemáticas do bairro, régua, tesouras, colas, pincéis e canetas. Esta intervenção foi pautada em alguns passos, os quais incluem um primeiro momento expositivo, que levou cerca de 50 (cinquenta) minutos para ser finalizado, sendo que nesse primeiro passo, foram discutidos conceitos de planejamento urbano, como

ele se deu no Município de Fortaleza, onde entra a discussão da temática da inclusão atrelada ao planejamento pensado para os bairros, e as diferenças de estruturas ao levarmos em consideração bairros mais periféricos e bairros menos periféricos.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa realizada na escola durante a coleta dos dados para realização do diagnóstico da mesma permitiu conhecimento dos aspectos quantitativos da estrutura e funcionamento do colégio. Assim, tem-se um total de 1227 alunos, sendo 131 do Ensino Infantil, 808 do Ensino Fundamental e 288 da Educação de Jovens e Adultos (EJA), contando os turnos manhã, tarde e noite. Para dar conta desse número de discentes, o colégio possui 43 professores, sendo 4 destes destinados à disciplina de Geografia. Além disso, são 3 coordenadores, 1 secretário e 1 diretor. A escola possui 12 salas de aula, ao todo.

Como supracitado, acerca da entrevista com o professor de Geografia, foram trazidas questões mais gerais sobre a caminhada dele na graduação, se ela o preparou para situações de ensino inclusivo e como ele via todo esse cenário na escola T. F. P. O professor relatou que os quatro anos na graduação não são o suficiente para preparar o docente para as situações vividas no cotidiano escolar, sobretudo porque o contato com a sala de aula, mesmo para o licenciando, costuma ser limitado. Até por isso, destaca que não se sente preparado para o ensino inclusivo, mesmo que já lide com alunos nessa situação em seu cotidiano. Outro ponto que foi explanado pelo professor é de que os alunos com necessidades especiais não são reprovados, isso na realidade da escola pública e da escola privada, ele explica que é comum se dar a nota mínima necessária para a aprovação e com isso o aluno vai sendo empurrado para as séries posteriores até acabar o ensino médio. Questionado acerca da infraestrutura da escola, ele relata que ela é precária e que há ausência de materiais específicos, e por isso a realização de muitas atividades não são possíveis. Por fim, foi perguntado para o professor como ele enxerga que as atividades inclusivas deveriam ser realizadas, e na visão dele, em atividades externas a sala de aula, explorando mais os ambientes da escola, promovendo atividades mais lúdicas, interativas e coletivas, com a socialização dos conhecimentos obtidos no ensino de geografia, respeitando e estimulando o processo de aprendizagem de cada aluno, bem como suas capacidades físicas.

Durante a entrevista com psicopedagoga e orientadora educacional, foram socializadas informações sobre seu cotidiano na escola, bem como sua experiência profissional e seus desafios em seu local de trabalho enquanto mediadora para encaminhamento de ações no

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

âmbito da educação inclusiva na escola. Seu trabalho é totalmente voltado para a qualidade de vida do aluno, e já é realizado há quatro anos.

Questionada acerca de sua função, ela explica que a primeira ação é tomada pelo professor ou professora, que ao perceber que o/a estudante tem certa dificuldade comportamental ou de aprendizado o/a encaminha para a orientadora educacional. É realizado um procedimento de anamnese, trazendo um pouco de psicopedagogia, buscando identificar possíveis problemas desde a gestação do/a estudante, coletando informações de sua vida intrauterina, desenvolvimento durante sua gestação, realização do parto, primeiro contato com a mãe, rotina de amamentação, até as relações afetiva com seus pais e/ou responsáveis, para que a profissional identifique como possivelmente se originou suas dificuldades comportamentais. Ela relatou que há uma parceria entre a escola Terezinha Parente e o posto de saúde ao lado que carrega o mesmo nome.

A parceria da escola com o posto de saúde mostrou resultados positivos, como encaminhamentos psicólogos para realizarem atendimentos na escola, com triagens e escutas contínuas para identificarem com eficácia a situação psicológica e emocional do aluno, para um atendimento inicial. Esses atendimentos são para qualquer aluno que esteja passando por alguma dificuldade, mas questionada sobre os problemas mais comuns identificados nos alunos com necessidades especiais, foi relatado a não inserção pessoal destes com os outros alunos da sala. Segundo a especialista, é comum haver segregação, deixando-os apáticos e trazendo consequências maléficas para o próprio aprendizado do educando.

No sistema educacional da escola, existem algumas negligências quanto à classificação dos alunos e suas necessidades, sendo confundido, por exemplo, dificuldade de aprendizado com autismo. Acessamos a lista de alunos com necessidades especiais, e na realidade há mais alunos com deficiências de aprendizado do que realmente existe identificado no colégio. Há má classificação dos que constam na lista, muitas vezes generalizando um conjunto de problemas. Apesar de criticar com dureza o sistema educacional, a profissional entrevistada alegou que isto se dá pela limitação de atendimento no AEE (Atendimento Educacional Especializado), que não aceita atendimentos mais específicos. Para um aluno ou aluna ser atendido em um AEE, tem que haver um laudo, e só são aceitos atendimentos para deficientes intelectuais, visuais, auditivos e autistas, e apesar da deficiência intelectual abranger muitas deficiências, a generalização do problema no sistema para a classificação dos alunos podem trazer mais dificuldades ainda. A título de exemplo, muitas vezes um aluno ou aluna com autismo, dislexia, entre outros, são classificados como portadores de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), causando

alguns atrasos quanto ao atendimento.

Outrossim, no momento final da entrevista, perguntada em como ela percebe todo esse cenário da Inclusão, disse que se mostram insuficientes as políticas públicas para a solução de problemas ligados a educação inclusiva, sendo classificadas pela entrevistada como “uma grande propaganda”, mas que apesar dos percalços, vem dando seus primeiros passos. Na escola foi realizada com a ajuda (da psicopedagoga e orientadora educacional entrevistada) a Semana da Inclusão, que busca de fato promover a inclusão na escola, mostrando a importância da mobilização nas escolas para o encaminhamento de soluções para estas questões.

Destacando a intervenção feita em sala, o objetivo foi de compreender e apresentar como funciona a educação inclusiva a partir do ensino, prática pedagógica e utilização de recursos didáticos para os alunos do 9º B.

Primeiramente, foi ministrado o conteúdo de planejamento urbano considerando o público dos moradores da cidade, inclusive os deficientes físicos. O ensino ocorreu também com explicações sobre a vulnerabilidade socioespacial em que bairros, em especial, os periféricos, estão submetidos, como a falta de infraestrutura adequada; sempre destacando problemas que ocorrem no bairro Lagoa Redonda, que é a realidade da maioria desses alunos. e em seguida, os alunos realizaram uma apresentação sobre como eles veem o próprio bairro fazendo relação com conteúdo visto em sala de aula.

Assim, não foi uma aula somente expositiva, mesmo durante a explicação, houve interação dos alunos quanto aos pontos chaves da discussão. Mahoney e Almeida reforçam a importância dessa dinâmica entre quem atua ministrando as aulas e os alunos:

O processo ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces de uma mesma moeda; nessa unidade, a relação interpessoal professor-aluno é um fator determinante. Esses atores são concretos, históricos, trazendo a bagagem que o meio lhes ofereceu até então; estão em desenvolvimento, processo que é aberto e permanente”. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p.12)

Para além do ensino promovido pela equipe, o segundo momento consistiu da elaboração em uma oficina de cartazes que pode trazer à tona as denúncias das vulnerabilidades socioespaciais. Dessa forma, a ação pedagógica, como afirma Lomonaco, é o ponto que liga os alunos aos professores existindo uma maior interação e troca de experiências.

Esse professor e esse aluno, nesse contexto escolar, vão construir, através de um espaço emocional-cognitivo, tanto suas ideias sobre ensino-aprendizagem quanto sua própria aprendizagem. Para aprender, é preciso haver desejo de conhecer esse Outro – sem desejo não há aprendizado. Para aprender é preciso querer conhecer os segredos, descobrir o que está camuflado e que é o que não sei. (Lomonaco, 2002, p.15)

Sendo assim, a equipe para oficina dividiu a turma em cinco equipes cada uma com seis componentes, isso foi necesserário por conta da grande quantidade de estudantes. Mais do que uma transmissão de conhecimento unilateral, a atuação dos alunos em sala de aula e suas experiências cotidianas são um ponto decisivo na interação de sala de aula, em especial nessa atividade, pois se tratava da visão que eles tinham do próprio cotidiano. A posteriori, foram entregues cartolinas, canetinhas, colas, tesouras, imagens de vulnerabilidade do Bairro. Além disso, o intuito maior da atividade foi fazer com que eles produzissem algo com o tema vulnerabilidade socioespacial e como esta pode influenciar no cotidiano dos deficientes físicos e mentais. Becker e Silva destacam a importância da utilização de recursos didáticos:

Não resta dúvida que os recursos didáticos desempenham grande importância na aprendizagem. Para esse processo, o professor deve apostar e acreditar na capacidade do aluno de construir seu próprio conhecimento, incentivando-o e criando situações que o leve a refletir e a estabelecer relação entre diversos contextos do dia a dia, produzindo assim, novos conhecimentos, conscientizando ainda o aluno, de que o conhecimento não é dado como algo terminado e acabado, mas sim que ele está continuamente em construção através das interações dos indivíduos com o meio físico e social. (BECKER, 1992 apud SILVA et al. 2012, p. 2).

Quanto ao diagnóstico da escola, embora possa-se discutir melhor adiante, vale salientar que a estrutura física de escola é de má qualidade, sem acesso para cadeirantes, sem portas nas salas de aulas, com carteiras deterioradas, portanto, uma local de difícil concentração e que desestimula o professor.

Conforme Antunes (2008, p.26) “não há como e porque confundir dificuldade de aprendizagem (Dislexia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, Transtorno da Memória de Longa Duração e outros) com educação especial (portadores de deficiência mental, de condutas típicas, de alto risco ou de altas habilidades)”.

TDAH é um transtorno neurobiológico causado por disfunção do lóbulo frontal. Vale ressaltar que o diagnóstico de TDAH é clínico, portanto somente o médico pode dar a certeza deste transtorno e da eventual necessidade de medicamentos. O propósito aqui diante da provável ocorrência foi ajudar o docente no devido encaminhamento no processo de ensino aprendizagem.

Para tanto, fundamentou-se em Antunes (2008) quanto aos critérios do diagnóstico durante observação do público que se entrevistou na educação básica, com o cuidado de atentar

para o fato de que a existência de um ou outro sintoma isolado não caracterizava o transtorno. Seguiu-se também este autor quanto aos passos a serem atentados para incluir este público na prática educativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Passado o primeiro momento teórico durante a ministração dos conteúdos geográficos, com ênfase na abordagem de conceitos essenciais para o desenvolvimento do tema – apesar de que, empiricamente, as problemáticas abordadas já eram algo perceptível para a maioria dos alunos-, entrou-se no segundo momento da aula, que consistia em uma oficina de cartazes, em que seria entregue algumas imagens com típicas mazelas sociais, fruto de mau planejamento, como: ruas esburacadas, afiação solta, vazamento de esgotos à céu aberto, etc. A escolha dessas imagens, além de estar relacionada com a temática proposta, retratava a situação estrutural do bairro Lagoa Redonda. A seguir, os alunos colariam essas imagens na cartolina e escreveriam o que podia ser feito para que esses problemas fossem sanados e como tais problemas poderiam ser associados a questões de inclusão de alunos com alguma dificuldade.

Notou-se um interesse da turma, pois o que estava sendo descrito são problemas que eles passam no cotidiano. Enquanto a produção dos cartazes acontecia e eles eram orientados de como proceder em determinada dúvida, era possível ouvir relatos de problemas que alguns desses alunos passavam no processo de chegada à escola. Posteriormente, cada um dos cinco grupos que se formaram apresentaram e discutiram sobre problemas presentes no bairro e na escola.

A turma constava com duas irmãs com deficiência intelectual, segundo os arquivos da escola, mas ao fazer mais investigação sobre o caso, descobriu-se que se tratava de dificuldade de aprendizagem. A análise foi feita pela psicopedagoga da escola, após algumas consultas com as alunas.

Portanto, a atividade ainda incluiu as duas alunas com necessidades especiais, em que elas participaram na confecção do trabalho e puderam denunciar o que é prejudicial para elas, já que o local de moradia é periférico, sendo essa palavra utilizada para descrever o Bairro Lagoa Redonda, já que é distante do Centro de Fortaleza e sofre muito com a falta de políticas assistencialistas, o que é perceptível na estrutura da escola. Além do mais, permitiu a discussão para além do Bairro como a estrutura da escola influencia no ensino e aprendizagem dos estudantes.

Ademais, a partir da observação e do relato desses alunos, constatamos ao entrarmos para o saguão principal da escola, onde estão localizadas a maioria das salas, já nos deparamos com alguns problemas maiores. As salas estão muito próximas às outras e, devido ao calor, as portas permanecem sempre abertas, fator que propicia um menor abafamento do som advindo das salas próximas, acarretando em um barulho constante em todas as salas; esses fatos integrados atrapalham a concentração do professor, que não consegue repassar seu conteúdo como poderia, uma vez que está sempre disputando voz com o entorno, e atrapalha na concentração do aluno, que tem dificuldade em ouvir o que seu professor está repassando. Todas as salas contam com a presença de ventiladores. Outro problema perceptível se dá pela sujeira do colégio, seja no saguão principal, seja nas áreas de entorno, com a presença de muitos resíduos plásticos jogados no chão.

Caminhando para a parte mais ao fundo do colégio, visualizamos outros problemas estruturais, como a quadra para a prática da Educação Física, que há arames soltos, aumentando o risco de acidentes. Outrossim, há falta de acessibilidade para as salas que ficam no fundo do colégio; não há rampas, apenas partes de areia e cimento que não permitem que um cadeirante possa se locomover sem ajuda.

Questionados sobre como eles enxergam o próprio bairro e escola, as respostas dos alunos não divergiam muito: faltam recursos e falta visibilidade do governo. Aliás, o governo foi o principal culpado por eles por essas situações de sujeira, falta de rampa (que fica em frente à sala deles) ou de saneamento básico. Ora, não poderia ser diferente quando indagados sobre de que modo isso afeta um aluno com necessidade, a resposta veio imediatamente proferindo que era ainda pior para quem precisa mais. Alguns dos alunos falaram sobre situações negativas que os amigos já passaram no bairro. Evidencia-se que o contexto vivido pelos alunos do bairro e da escola está longe de ser o ideal.

Todos esses pontos abordados geraram uma pesquisa eficaz, que elucidaram diversos pontos no que diz respeito à inclusão dos alunos dentro dessa escola. Evidenciou para alguns alunos obstáculos enfrentados por seus colegas e que não são comentados no convívio diário. Houve, acima de tudo, diálogo entre educandos, educadores e a gestão escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, a experiência da investigação e da intervenção em sala de aula foi essencial para a construção do futuro docente em Geografia. A experiência prática com os

alunos, antes mesmo de se formar como professor é importante para todos os lados. Para os futuros educadores, essas experiências servem para que os professores em recém-formação não ‘‘caiam de paraquedas’’ na sala de aula. Não somente isso, mas a experiência ao tratar de temáticas específicas, como o da educação especial, torna a formação rica, elucidando que ministrar aula não significa repassar conteúdo para toda a sala, mas há abordagens distintas, tratando de causas específicas e essa experiência vai despertando o professor para as mais diversas causas, criando um olhar sensível para as situações adversas que os alunos podem estar passando. No lado dos educandos, é importante porque essas intervenções geralmente refletem em dinâmicas distintas em sala de aula, fugindo da metodologia tradicional. E essas novas metodologias possibilitam ao educando refletir sobre o que é educação inclusiva e em como enxergá-la, podendo florescer interesses em áreas que não se tinha, quando apenas via o conteúdo com a metodologia formal.

Sobre a investigação da estrutura do colégio e do bairro, em como isso afetaria de modo positivo ou não a inclusão de alunos com alguma deficiência física, notou-se grande precariedade, sobretudo do bairro. Como já citado no trabalho, houve um mau planejamento nesse perímetro, além disso, há um descaso enorme do governo, que tende a se preocupar menos com áreas periféricas. Diante disso, percebe-se que transitar pela Rua do colégio – Rua Nelson Coelho - já é o primeiro grande problema, sobretudo para quem tem dificuldade de deslocamento. O ponto que o colégio está localizado não é nem um pouco benéfico para alunos com alguma deficiência física. E a infraestrutura desta instituição de ensino também não agrada, é suja e só possui uma rampa que se situa na entrada. O barulho presente na proximidade das salas é um incômodo enorme para todos os alunos.

Sobre o núcleo de assistência da escola, ele é eficiente na medida do possível, o problema se dá pela demanda ser muito alta. As conversas com a psicopedagoga foram elucidativas, e um dos pontos que ela mais frisou foi o fato da alta demanda, pois muita gente recorre a esse amparo profissional. Ela permanece cerca de quatro horas no colégio e em todo esse tempo há revezamento de alunos, com os mais diversos tipos de necessidades. Um ponto negativo no cenário desta escola – mas que certamente se expande para quase todas é o fato de nem todos os professores terem a sensibilidade e a percepção quanto ao tratamento de alunos que fogem do padrão imposto, como o caso de um aluno que tinha superdotação e sempre acabavam as atividades antecipadamente e depois ficava brincando, de modo inquieto. Essa atitude irritava o professor, que o tinha como um problema na sala. A orientação que foi passada pela psicopedagoga durante a entrevista é de que se proponham novos desafios para o

aluno que tem muito mais facilidade que os outros em determinados conteúdos, pois assim ele será estimulado de forma específica e conseguirá se desenvolver de modo eficiente.

A visão da maioria dos alunos quanto aos problemas da escola e do bairro, que foi um dos pontos que este artigo buscou evidenciar, converge com os resultados da pesquisa. Notou-se que muitos alunos têm noção de todas as problemáticas do lugar e da instituição de ensino que eles estão inseridos. Quando questionados, muitos desses aducando se pronunciavam e relatavam seus problemas diários, propondo soluções e apontando possíveis culpados por todo o descaso vivenciado. O governo do Estado foi o principal alvo na fala dos discentes, tanto como sendo culpado pelos problemas por não tomar atitudes cabíveis, como uma solução viável, se houver interesse em melhorar a situação dos habitantes do bairro.

Portanto, a escola ainda não atinge o ideal esperado no cenário inclusivo, faltam recursos, pessoas especializadas e infraestrutura adequada. Todavia, boa parte do corpo escolar trabalha bastante para que esse cenário não seja ainda pior. Além disso, esta escola certamente está à frente e é referência no quesito inclusivo dos alunos dentro do Bairro Lagoa Redonda, até por isso muitos pais direcionam o filho com necessidades especiais ou dificuldade de aprendizagem, que precisam de um maior cuidado, para essa escola.

Esperam-se sempre mais trabalhos nessa vertente da educação para que todas essas problemáticas sejam evidenciadas para mais pessoas e haja mais intervenção não só vinda do governo, mas igualmente de todas as esferas da sociedade, que também se mostra omissa e muitas vezes com atitudes preconceituosas, dificultando ainda mais a concretização de ações que venham a contribuir para a efetivação de uma educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Inclusão: o nascer de uma nova pedagogia**. São Paulo: Ciranda Cultural. 2008.

BRASIL, **Ministério da Educação e do Desporto**. Política Nacional de Educação Especial. Brasília, MEC/SEESP, 1994.

FARFUS, D. Organização pedagógica dos espaços educativos. Disciplina: **Organização Pedagógica Espaços Educativos** do curso de Pedagogia EaD da FACINTER. Curitiba, 2009.

LOMÔNACO, B. P. **Aprender: verbo transitivo: a parceria professor-aluno na sala de aula**. São Paulo: Summus, 2002.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. “Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon”. **Psicologia da Educação**, v. 20, 2005, p. 11-30.

SILVA, Maria Amparo dos Santos et al. Utilização de Recursos Didáticos no processo de ensino e aprendizagem de Ciências Naturais em turmas de 8º e 9º anos de uma Escola Pública de Teresina no Piauí. In: **Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação-VII CONNEPI. Palmas. 2012.**